

Para a História do Socialismo

Documentos

www.hist-socialismo.net

Tradução do alemão por PG, revisão e edição por CN, 7.9.2017

(original em <http://www.stalinwerke.de/Diverses/stalinsbeitraege.html>)

Contribuições de Stáline

para a Ciência Militar e Política Soviética (XVII)

Ulrich Huar

Capítulo II

«O Mundo olha para vós...»

1941 – 1942/43

Dois extremos

Há dois extremos na apreciação de Stáline enquanto militar na II Guerra Mundial: o primeiro é a lenda divulgada por Khruchov no seu relatório secreto no XX Congresso do PCUS de que Stáline seguiu simplesmente a II Guerra Mundial através do globo terrestre, mais tarde «*afinada*» por revisionistas de diversos matizes, sugerindo que a vitória do Exército Vermelho na Grande Guerra Pátria foi conseguida «*sem Stáline*», «*contra Stáline*», «*apesar de Stáline*».

K.A. Meretskov, marechal da União Soviética, comandante da Frente da Carélia e comandante da 1ª Frente do Extremo Oriente contra o Japão, depois de Maio de 1945, disse o seguinte sobre a estória do «*globo*»: «*Em algumas publicações apresenta-se a versão de que Stáline conduziu as operações por assim dizer no globo. Isto não é verdade. Durante a guerra estive frequentemente no quartel-general e no gabinete de Stáline para informação, participei em muitas reuniões e assisti a deliberações sobre problemas. Naturalmente que Stáline utilizava o globo sempre que as questões a tratar eram de grande dimensão [geográfica]. Porém, geralmente, trabalhava com os mapas e discutia detalhadamente as futuras operações. Não é correcto atribuir a Stáline falta de sensibilidade para o detalhe. Não se orientava pelo globo, mesmo em questões estratégicas militares. E mais absurdo ainda é abranger a tática com esta afirmação, pela qual ele igualmente se interessava...»¹*

Nota do Editor: Da presente obra de Ulrich Huar foram publicados em *Para a História do Socialismo* os capítulos I, IV e V. Com vista a concluir a tradução integral deste importante livro, iniciamos a publicação do capítulo II.

¹ K. A. Merezkov, *Im Dienste des Volkes* (Ao Serviço do Povo), Moscovo, 1968/Berlim, 1972, 1ª ed., p. 386.

Segundo o almirante N.G. Kuznetsov, Comissário do Povo para a Marinha de Guerra, Stáline «era para nós militares uma autoridade indiscutível». «É completamente falsa a afirmação maldosa de que ele avaliava a situação e tomava decisões pelo globo. Podia apresentar muitos exemplos em que Stáline, quando analisava a situação nas frentes com os comandantes militares, também estava informado, se necessário, sobre um qualquer regimento. Tinha sempre consigo um bloco de notas no qual anotava diariamente o número de efectivos militares, a produção nos centros mais importantes e as reservas de bens alimentares no país.»²

O segundo extremo consiste na glorificação de Stáline como um género de «novo César», que «chegou, viu e venceu». Este segundo extremo da mistificação de Stáline é tão absurdo como o primeiro, talvez até mais prejudicial, porque oferece suficientes pontos de ataque aos adversários do marxismo-leninismo e anti-stalinistas. Stáline reagiu energeticamente várias vezes contra tais bajulações primitivas sobre a sua actividade como Comandante Supremo das Forças Armadas Soviéticas. Numa carta ao coronel prof. dr. Rasine, de 23 de Fevereiro de 1946, Stáline afirma que os seus «hinos a Stáline» «ferem os ouvidos»; «é simplesmente penoso lê-los».³

Generais soviéticos, que trabalharam com Stáline durante a guerra, confirmam a sua atitude desaprovadora perante tais mistificações disparatadas da sua pessoa.

O Quartel-General (QG) em Moscovo, que dirigia a guerra na sua totalidade, militar e politicamente, era chefiado por Stáline enquanto Comandante Supremo. As decisões eram tomadas de acordo com as deliberações colectivas dos membros do QG, do Estado-Maior, do Conselho Militar incluindo os comandantes das frentes e, se necessário, os comandantes do Exército. O trabalho do QG realizava-se de acordo com o princípio dos partidos marxistas-leninistas: discussão colectiva e decisões individuais com responsabilidade pessoal. Na medida em que Stáline tinha a última palavra nas decisões, também arcava com a principal responsabilidade na direcção da guerra, quer nas vitórias, quer nas derrotas, quando estas eram provocadas por erros na direcção, o que nem sempre era o caso. Stáline nunca fugiu das suas responsabilidades.

O general Chtemenko descreveu o trabalho no QG, enquanto colaborador na administração operativa desde 1940, que era o núcleo do Estado-Maior, e chefe da administração operativa a partir de 1943. Encontrava-se quase diariamente com Stáline.

«Sublinhe-se que o CC do partido – Politburo, Bureau de Organização e Secretariado – decidia sobre todas as questões fundamentais da condução do país e da guerra. As deliberações eram implementadas pelo Presidium do Soviete Supremo da URSS, o Conselho dos Comissários do Povo, O Comité de Defesa do Estado e o Quartel-General do Comando. Para encontrar soluções operativas para questões militares eram convocadas reuniões conjuntas de membros do Politburo e do Comité de Defesa do Estado ou de elementos do Politburo e do Quartel-General. Questões especialmente importantes eram debatidas conjuntamente pelo Politburo, o Comité de Defesa do Estado e o Quartel-General.

O princípio da direcção unipessoal, fundamento importante quer em tempos de guerra, quer em tempos de paz para a construção das Forças Armadas e da condução de tropas, também era determinante na condução das acções de combate. A direcção das operações encontrava-se ao mais alto nível exclusivamente nas mãos do QG do

² N. G. Kusnezov, *Am Vorabend* (Na Véspera), Moscovo, 1969/Berlim, 1984, 3ª ed., p. 296.

³ SW 15/58.

Comando Supremo. Porém, como os membros do Politburo e militares responsáveis pertenciam ao QG, este constituía um órgão colectivo.

As resoluções do QG traziam a assinatura de duas pessoas, a do Comandante Supremo e a do Chefe do Estado-Maior, mas também por vezes a do representante do Comandante Supremo. Documentos assinados só pelo Chefe do Estado-Maior tinham normalmente a indicação “por ordem do QG”.

Normalmente, o Comandante Supremo não assinava documentos operativos sozinho, com excepção daqueles em que criticava duramente algum membro da direcção militar superior. (Não era conveniente que o Estado-Maior assinasse tais documentos, pois agravaria as relações; Stáline preferia assumir pessoalmente essas críticas). Assim, só assinava pessoalmente ordens de vários géneros, sobretudo de carácter administrativo. Com esta forma de direcção estava assegurada a necessária centralização.

Tal como desde a Revolução de Outubro, também na Grande Guerra Pátria a “administração militar” executou rigorosamente e de todas as formas possíveis a política do Partido Comunista.

Stáline não decidia e não gostava de decidir sozinho sobre questões importantes da guerra. Compreendia bem a necessidade do trabalho colectivo neste domínio complexo. Reconhecia autoridades em determinados problemas militares, levava em consideração as suas opiniões e demonstrava o devido reconhecimento a cada um. Por exemplo, em 1943, depois da Conferência de Teerão, na reunião conjunta do CC do PCUS, do Comité de Defesa do Estado e do Quartel-General, na qual deviam ser traçados os planos de acções futuras, Antónov e Vassiliévski intervieram sobre o desenrolar e perspectivas do combate nas frentes, Voznessénski interveio sobre questões da economia de guerra e Stáline analisou os problemas internacionais.»⁴

Na recepção no Krémelin em 24 de Maio de 1945, em honra dos comandantes das tropas do Exército Vermelho, Stáline fez um brinde à saúde do povo russo, que na guerra «conquistou o reconhecimento geral entre todos os povos do nosso país como a força condutora da União Soviética, (...) porque possui lucidez, um carácter firme e paciência. Não foram poucos os erros cometidos pelo nosso governo, tivemos situações desesperadas em 1941-42, quando o nosso exército recuou e abandonou as nossas amadas aldeias e cidades da Ucrânia, Bielorrússia, da Moldávia, da região de Leningrado, dos países bálticos e da República da Carélia-Finlândia, porque não havia outra saída. Qualquer outro povo teria podido dizer ao seu Governo: não correspondestes às nossas expectativas, tratai de ir embora e escolheremos um outro governo que faça a paz com a Alemanha e nos assegure a tranquilidade. Contudo, o povo russo não agiu assim, pois acreditava na justeza da política do seu governo, e sacrificou-se para assegurar a derrota da Alemanha. E esta confiança do povo russo revelou-se o factor decisivo que assegurou a vitória histórica sobre o inimigo da Humanidade, sobre o fascismo. Agradeça-se ao povo russo esta confiança!»⁵

São principalmente generais do Exército Vermelho que nos fornecem informações sobre o papel de Stáline, enquanto comandante supremo e sobre a sua contribuição para a elaboração da teoria militar e política marxista-leninista da Grande Guerra Pátria. Fazem-no nas suas memórias, recorrendo a arquivos e documentos, que reproduziremos

⁴ S.M. Chtemenko, *Im Generalstab* (No Estado-Maior), vol. II, Moscovo, 1973/Berlim, 1985, 3ª ed., p. 250 e seg.

⁵ SW 15/15 e seg.

aqui segundo o original. Mas também temos testemunhos de homens de Estado e militares dos aliados ocidentais. Discursos e artigos de Stáline são compreensivelmente raros durante o período da guerra.

Dmítri Volkogónov, que se considera o grande teórico militar do período da *glasnost*, não consegue passar ao lado das declarações dos generais da Grande Guerra Pátria, às quais atesta que «à sua maneira, estas declarações também são correctas». Mas como não se coadunam com a sua concepção anti-stalinista, são eliminadas enquanto fontes históricas com a observação de que eles só «**podiam** escrever o que a administração política principal do Exército e da Marinha de guerra soviéticos permitiam». Volkogónov declara que «*observações negativas e críticas dirigidas ao comandante supremo* (i.e. Stáline, UH) [eram] *avaliadas como* [sendo] *difamatórias*.»⁶

Mas mesmo que tais restrições tenham existido **depois** do famoso relatório secreto de Khruchov, em 1956, apenas abonariam a favor da administração principal. Mas isso não é o importante. Quem leu as memórias dos generais, nomeie-se aqui representando todos Júkov, Kóniev, Meretskov, Rokossóvski, o almirante Kuznetsov, conhece o seu carácter. Não poucas vezes houve entre eles e Stáline duras discussões, que em parte assumiram formas rudes. É inverosímil que personalidades como Júkov, Kóniev, Rokossóvski, Meretskov, Tchuikov e o almirante Kuznetsov, entre outros, que tiveram discussões com Stáline, permitissem que a administração principal lhes ditasse o que «**podiam**» ou não escrever, talvez através de Volkogónov (?) que segundo as suas próprias indicações trabalhou cerca de 20 anos na administração. Será possível que Júkov e Kóniev, que depois da morte de Stáline prenderam o todo o poderoso Béria,⁷ que queria vender a RDA à RFA, levaram-no a tribunal e executaram-no, que ofereceram abertamente resistência ao rumo de Khruchov no XX Congresso do PCUS, tenham recebido instruções da administração sobre o que deviam ou não escrever?

Neste contexto é muito elucidativa uma conversa entre Júkov e Stáline no Inverno de 1941/42, na qual participou Rokossóvski. Stáline encarregara Júkov de fazer uma pequena operação na importante área estratégica da estação ferroviária de Mga (na frente de Leningrado, UH), para aliviar a situação dos habitantes de Leningrado. Júkov declarou que só uma grande operação atingiria esse objectivo. «*Concordo, camarada Júkov*», respondeu Stáline, «*mas faltam-nos os meios, e tem de se levar isso em conta*». «*Então não será realizada. O desejo não é suficiente para o êxito*», insistiu Júkov no seu ponto de vista. Embora Stáline estivesse visivelmente furioso, Júkov manteve a sua opinião. «*Vá e pense mais uma vez sobre isto, camarada Júkov*», disse finalmente Stáline.

⁶ D. Volkogonov, *Triumph und Tragödie. Politisches Porträt des J.W. Stalin (Triunfo e Tragédia. Retrato Político de I.V. Stáline)*, Vol. 2/1, 1ª ed., Berlim, 1990, p. 310. Sublinhado no original.

⁷ A personalidade de Lavrénti Béria e sobretudo as circunstâncias que levaram ao seu afastamento do poder e execução em 1953, poucos meses após a morte de Stáline, continuam envoltas em contradições e mistificações. A afirmação aqui feita pelo nosso autor de que Béria pretendia vender a RDA à RFA não nos parece ter qualquer fundamento, embora seja uma das muitas das atoardas que ensombram o nome deste dirigente soviético e apagam o seu destacado papel na construção do socialismo e na vitória da URSS sobre o nazi-fascismo. Sobre Béria ver a interessante entrevista com a historiadora Elena Prudnikova (http://www.hist-socialismo.com/docs/Entrevista_Prudnikova_Beria_I.pdf; http://www.hist-socialismo.com/docs/Entrevista_Prudnikova_Beria_II.pdf e http://www.hist-socialismo.com/docs/Entrevista_Prudnikova_Beria_III.pdf). (N. Ed.)

Esta rectidão de Júkov impressionou Rokossóvski. Disse-lhe a sós que «*não considerava conveniente usar um tom tão agreste perante o comandante supremo*». Júkov respondeu: «*Isto não é nada. Por vezes há muito mais alvoroço entre nós*».⁸

O general K.V. Krainiukov,⁹ membro do Conselho de Guerra da 1ª Frente Ucraniana, fez comentários sobre Júkov semelhantes aos de Rokossóvski. Ele era «*por vezes brusco*» e demonstrava «*rudeza desnecessária*». Júkov comentou uma vez: «*Confesso que não nasci diplomata. Às vezes falo realmente de forma muito rude, mas sou franco. Quando se trata do destino de milhares de pessoas e do êxito num combate, não se tem sempre tempo e possibilidade de encontrar palavras gentis. Assim aparecem, por vezes, aquelas que soam mal aos ouvidos.*»¹⁰

Também houve outras discussões entre Stáline e outros generais, como mostraremos. A linguagem era em geral rude. Isto não era uma característica especial de Stáline. Estas discussões mostram também que se podia contrariar Stáline sem se ser fuzilado de imediato.

O almirante Kuznetsov escreveu: «*Perguntaram-me frequentemente depois da guerra se era verdade que Stáline não aceitava ser contrariado. Não se pode responder a esta pergunta com um simples sim ou não. Às vezes Stáline não aceitava realmente nenhum protesto. Contudo, frequentemente ouvia com paciência objecções e gostava até que alguém tivesse outra opinião. Não sou só eu que penso assim. Em Abril de 1968 falei sobre isto com o marechal Rokossóvski. Disse-me directamente: "Quando conseguia justificar o meu ponto de vista, Stáline concordava sempre comigo. Naturalmente que também acontecia Stáline interromper muito bruscamente um interlocutor. Mas só o fazia quando achava que a questão central do problema não esta a ser abrangida. Ele adorava exposições fundamentadas, convincentes, reflectidas"*»¹¹

Mas nem Volkogónov pode evitar uma opinião diferenciada sobre Stáline enquanto militar, reconhecendo que o pensamento de Stáline «*se encontrava em áreas específicas muito à frente de muitos altos militares soviéticos.*» Também se pode concordar com Volkogónov quando ele afirma que Stáline «*não era um general no sentido restrito da palavra*», mas sim um «**líder político**» que «*enquanto primeiro homem no país tinha uma perspectiva mais profunda do que eles [os generais, UH] da interdependência do combate armado com outros factores "não militares" (factores económicos, sociais, técnicos, políticos, diplomáticos, ideológicos e nacionais) e as possibilidades reais do país; conhecia a sua indústria, a sua agricultura melhor do que os membros do QG e os comandantes das frentes. O pensamento de Stáline era de certa forma **universal** e ligado a um grande círculo de conhecimentos não militares. Devia a sua função de homem de Estado, político e funcionário do partido a esta sua qualidade. O âmbito das*

⁸ K.K.Rokossovski, *Soldatenpflicht. Erinnerungen eines Frontoberbefehlshaber (Dever de Soldado. Recordações de um Comandante da Frente)*, Moscovo, 1968/Berlim, 1971, p. 115 e seg.

⁹ **Krainiukov**, Konstantine Vassílievitch (1902-1975), membro do partido desde 1920, ingressou no Exército Vermelho em 1919, combate na guerra civil, tornando-se funcionário político no exército em 1922. Em 1940 é promovido a vice-comandante da secção política do 2.º Corpo de Cavalaria, integrando os conselhos militares de vários exércitos durante a II Guerra, designadamente na 1ª Frente da Ucrânia, a partir de 1943. Dirigiu a Academia Político-Militar V.I. Lénine (1948-49) e a Direcção Política Principal do Exército Soviético (1949-53). Aposentou-se em 1969, tendo deixado o livro de memórias *Uma Arma de Tipo Especial*, publicado em 1978. (N. Ed.)

¹⁰ K.V. Krainjukov, *Vom Dnepr zur Weichsel (Do [rio] Dniepre ao [rio] Vístula)*, *Vojenisdat* 1971/Berlim, 1977, 1ª ed., p. 154 e seg.

¹¹ N.G. Kusnezov, *Auf Siegeskurs (No Rumo da Vitória)*, Moscovo, 1975/Berlim, 1979, p. 193.

obrigações de um general era só uma entre as muitas funções que um homem de Estado do seu nível tinha.»¹²

Um comandante-em-chefe concentrava-se nos acontecimentos na sua frente, no que necessitava em exércitos, armas, equipamentos, etc., no que recebia ou exigia ao QG. Mas o comandante supremo tinha de se lembrar de todas as frentes, do Mar do Norte até ao Cáucaso e ao Extremo Oriente e tinha de se preocupar com a produção de armas, equipamentos, produtos agrícolas, hospitais militares, meios de transporte, reservas estratégicas e às vezes até coisas tão profanas como botas para uma divisão na frente, tinha de levar em consideração as complexas relações com os aliados. Os comandantes-em-chefe tinham fundamentalmente que se ocupar de questões tático-operativas, com as quais Stáline rapidamente se familiarizava.

A decisão sobre a distribuição das limitadas reservas humanas disponíveis e dos meios materiais de combate e abastecimento para cada uma das frentes, assim como questões de política externa, por exemplo, impedir a entrada na guerra do Japão e da Turquia ao lado da Alemanha fascista ou as questões sobre a abertura de uma segunda frente competiam em última instância ao comandante supremo.

O âmbito limitado da responsabilidade do comandante-em-chefe da frente e o âmbito universal da responsabilidade de Stáline davam por vezes origem a discussões entre eles, que afinal de contas eram decididas objectivamente, mesmo quando o tom era agreste. Segundo Rokossóvski, Júkov também não era um chefe muito fácil. «*Apesar de tudo, Júkov não deixa de ser, para mim, uma personalidade com todas as qualidades de um grande general: força de vontade, determinação e genialidade.*»¹³

Cite-se uma frase do teórico militar prussiano Clausewitz, «*insuspeito*» nesta questão, como observação final sobre a avaliação da função de um comandante supremo em situação de guerra: «*Para conduzir a um objectivo brilhante toda uma guerra ou os seus grandes actos, a que chamamos campanhas, é necessário um conhecimento profundo das elevadas relações do Estado. Aqui, a condução da guerra e a política coincidem e o general torna-se simultaneamente no homem de Estado.*»¹⁴

Na descrição da elaboração da teoria militar marxista-leninista não é possível apurar exactamente quem contribuiu com quê, Stáline ou este ou aquele general. As contribuições de cada general ou de Stáline não se deixam quantificar. Por isso escolhi o título «**Contribuições**» de Stáline para a teoria militar e política marxista-leninista, porque não é possível atribuir-lhe unicamente a ele todos os contributos. Mas não se pode negar, sem se cair no ridículo, que Stáline teve uma elevada quota-parte nessa elaboração e assumiu a principal responsabilidade da sua aplicação na praxis da guerra.

O ataque – 22 de Junho de 1941

Na historiografia burguesa, trotskista e revisionista pululam, até hoje, as mais singulares histórias sobre as reacções de Stáline ao início da guerra de rapina e conquista do imperialismo fascista alemão contra a União Soviética em 22 de Junho de 1941.

Afirma-se que ficou paralisado de forma deplorável, que perdeu a fala, que o Exército Vermelho não estava preparado para um ataque, que «*confiara em Hitler*», que fora o

¹² Volkogonov, ibidem, p. 311 e seg. Sublinhado no original.

¹³ Rokossovski, ibidem, p. 115.

¹⁴ Carl von Clausewitz, *Vom Kriege* (Da Guerra), edição comemorativa, Janeiro 2003, Ullstein Verlag, Munique, p. 79.

«*impostor enganado*», que desprezou todos os avisos, etc., que os êxitos iniciais da *Wehrmacht* alemã foram resultado da «*decapitação*» do Exército Vermelho levada a cabo por Stáline.¹⁵ Apesar das diferenças nas diversas descrições absurdas, todas têm em comum o facto de ignorarem factos comprovados, materiais de arquivo e as declarações dos generais soviéticos. Júkov dedicou dois capítulos, 119 páginas, das suas *Memórias* à questão da preparação da União Soviética para um ataque do imperialismo fascista alemão e ao papel de Stáline na eclosão da guerra.¹⁶

Depois da guerra civil e de intervenção, Lénine (até à sua morte) e Stáline chamaram várias vezes a atenção para que só estava garantida uma «*pausa respiratória*» à União Soviética antes de uma nova guerra imperialista. Stáline não tinha a mínima ilusão quanto ao imperialismo fascista alemão e ao seu instrumento, Hitler. Isto está documentado.¹⁷ Volkogónov reconhece que Stáline apoiou fortemente a indústria de defesa.

Júkov afirma «*que Stáline se preocupou muito com a indústria de defesa; conhecia muitos directores de fábricas, organizadores do partido, engenheiros-chefes, encontrava-se amiúde com eles e pressionava com a sua insistência para que se cumprissem os planos.*» Foi notório «*um desenvolvimento forçado da indústria de defesa nos anos antes da guerra.*»¹⁸

Na perspectiva do pós-guerra é naturalmente fácil de dizer que se deveria ter dado mais importância a este ou aquele tipo de arma. Júkov admite que os militares, nos últimos meses de paz, exigiam mais à indústria do que «*as reais possibilidades do país*» permitiam.¹⁹

Em meados de Março de 1941, o marechal Timochenko, Comissário do Povo para a Defesa, e Júkov pressionaram Stáline para convocar os reservistas do serviço militar obrigatório para as divisões de defesa. Inicialmente, Stáline recusou a proposta com o argumento de que tal poderia precipitar «*os fascistas para a guerra*».

Mas logo no final de Março, 500 mil soldados e sargentos foram chamados para as regiões militares fronteiriças, alguns dias depois seguiram-se mais 300 mil reservistas. Assim, nas vésperas da guerra estavam prontas 170 divisões nas regiões militares fronteiriças, 19 divisões com cinco mil a seis mil homens, 144 divisões com oito mil a nove mil homens em média, num total de um milhão e 300 mil homens.²⁰

Entre 1939 e 22 de Junho de 1941, o Exército Vermelho recebeu mais de sete mil tanques.²¹ Os tanques estavam em parte desactualizados, tinham motores a gasolina que se incendiavam facilmente sob fogo. No início da guerra, cerca de 1861 modernos tanques

¹⁵ Cf. capítulo I, Ulrich Huar, *Stalins Beiträge zur marxistisch-leninistischen Militärtheorie und-politik* (Contribuições de Stáline para a teoria militar e política marxista-leninista), Parte 2, *Cadernos para a Educação Marxista-Leninista do KPD*. (Daqui em diante chamados *Cadernos*), Caderno n.º 114/2, Berlim, Julho de 2003, pp. 39-54 ou *Offensiv*, Revista para o Socialismo e Paz, (daqui em diante chamada *Offensiv*), cadernos 12/03, pp. 74-86.

¹⁶ Cf. G.K. Júkov, *Erinnerungen und Gedanken (Memórias e Reflexões)*, vol. I, Moscovo 1969/Berlim 1973, 4ª ed. revista, pp. 235-354.

¹⁷ Cf. capítulo I, U. Huar, *Cadernos*, ibidem, pp. 39.45, ou *Offensiv*, ibidem, pp. 74-79.

¹⁸ Júkov, ibidem, p. 236 e seg.

¹⁹ Idem, ibidem, p. 237.

²⁰ Idem, ibidem, p. 242. Cálculos a partir das informações de Júkov.

²¹ Idem, ibidem, p. 244

KV²² e o lendário T34 tinham saído das fábricas. Só na segunda metade de 1940 chegaram, em pequeno número, novos tanques às regiões militares fronteiriças.²³

O objectivo do Estado-Maior de constituir, em 1940, novos corpos mecanizados de maiores dimensões, divisões de blindados e divisões motorizadas, deparou-se de início com reservas de Stáline. Só no final de Março de 1941 foi decidido organizar 20 corpos mecanizados.²⁴

Como se explicam as reservas de Stáline perante as exigências fundamentadas do Estado-Maior? Júkov esclarece-as: «*Nas nossas exigências, não tivemos em conta as possibilidades objectivas da nossa indústria de blindados. Só para o completo equipamento dos novos corpos mecanizados eram necessários 16 600 tanques da nova geração; no total 32 mil carros de combate. Uma tal quantidade, por muito boa vontade que houvesse, não era possível construir num ano, já para não referir que também faltavam pessoal técnico especializado e comandantes. Até ao momento do ataque não teríamos podido equipar nem sequer metade dos corpos previstos*».²⁵

As diferentes opiniões do Estado-Maior e de Stáline sobre as divisões de blindados decorrem assim da relação entre a economia e os aspectos militares. Manifestamente os generais só viam as necessidades militares, Stáline via não só estas, mas também a capacidade limitada da indústria à época.

De acordo com documentos arquivados, o Exército Vermelho recebeu entre 1 de Janeiro de 1939 e 22 de Junho de 1941, 29 637 canhões móveis, 52 407 lança-granadas, incluindo tanques equipados com canhões, 92 578 canhões e lança-granadas. Até ao início da guerra, a administração central ainda subestimou a poderosa arma reactiva BM-B, mais tarde conhecida como «*Katiucha*»²⁶ (os soldados alemães chamavam-lhe «*órgãos de Stáline*», UH).

Porém, logo os primeiros disparos com esta arma, em Orcha, puseram as tropas alemãs em fuga. Só em Julho de 1941 se iniciou a produção em série desta arma. Segundo Júkov, Stáline considerava-a uma das armas mais importantes na guerra e por isso deu muita atenção ao seu aperfeiçoamento. Stáline conhecia os funcionários responsáveis pela produção de armas e munições, os construtores-chefes dos sistemas de artilharia, os generais I.I. Ivanov e V.G. Grábine, «*encontrava-se pessoalmente com eles e tinha absoluta confiança nos seus conhecimentos especializados*».²⁷

Na guerra soviético-finlandesa no Inverno de 1939/40 houve problemas sérios com a artilharia. O comandante-em-chefe da região militar de Leningrado, general K.A. Meretskov, relatou que os *bunkers* da linha defensiva fronteiriça finlandesa, a chamada «*Linha Mannerheim*» tinham aguentado a artilharia soviética.

²² [Blindado soviético batizado com o nome do comandante e político Kliment Efremovitch Vorochilov. O KV era considerado um tanque pesado. No início possuía uma até aí desconhecida capacidade de blindagem, que foi ainda reforçada no decorrer da guerra e um canhão de 76,2 mm. NT]

²³ Idem, *ibidem*.

²⁴ Idem, *ibidem*, p. 244 e seg.

²⁵ Idem, *ibidem*, p.245

²⁶ [A arma *Katiucha* consiste num camião militar (usualmente o ZiS-6) originalmente equipado com um lançador de foguetes BM-8, BM-13 e BM-31. Tinha um custo de fabricação muito baixo e possuía grande mobilidade. NT]

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 246.

«Todavia, eram os próprios bunkers que nos preocupavam mais. Em vão tentámos várias vezes destruí-los com a artilharia; as nossas granadas não conseguiram danificá-los. Stáline estava furioso, o fracasso das nossas acções podia reflectir-se na nossa política. O mundo inteiro olhava para nós. A segurança da União Soviética baseia-se na reputação do Exército Vermelho. Se nos atolássemos por muito tempo perante um adversário tão fraco, promovíamos [com essa situação] as intenções anti-soviéticas dos imperialistas.

«Depois do meu relato perante Stáline em Moscovo, fui encarregado de dirigir a investigação para descobrir o segredo dos bunkers finlandeses. Ordenei que a investigação se realizasse em três direcções. Embora já tivéssemos apurado a localização e o número dos bunkers, não sabíamos ainda como eram constituídos. Por isso incumbi um comandante de pioneiros e o seu grupo de fazer explodir um dos bunkers na retaguarda dos finlandeses, estudar a sua cobertura de protecção e obter um pedaço de betão. Um instituto de investigação em Moscovo analisou a constituição do betão. Era feito com cimento de muito alta qualidade que resistia à artilharia normal. Para além disso, em muitos bunkers os espaços dos soldados junto às ameias eram reforçadas com várias camadas blindadas. As paredes e coberturas de betão armado com 1,5 a 2 metros de largura estavam ainda protegidas com uma camada robusta de dois a três metros de terra batida.

Depois de uma reunião com Voronov decidimos atacar os bunkers com artilharia pesada. Com este objectivo, colocámos o mais próximo possível da linha da frente a artilharia da reserva do Alto Comando com um calibre de 203 a 280 mm e abríamos o fogo directamente contra os bunkers e as suas ameias. O êxito foi imediato. Agora era necessário organizar uma combinação dos diferentes tipos de armas.»²⁸

Um ponto fraco do armamento do Exército Vermelho era a falta de meios modernos de comunicação. A rede radiotelegrafista do Estado-Maior estava deficientemente apetrechada com equipamentos modernos. Só 27 por cento dos transceptores previstos para as regiões militares fronteiriças estavam disponíveis, em Kiev, 30 por cento, na região báltica, 52 por cento. O mesmo se passava com as telecomunicações. Os serviços responsáveis *«não estavam preparados para trabalhar sob condições de guerra»*.²⁹ Timochenko deu uma resposta negativa à exigência urgente do Estado-Maior de pôr em ordem a rede telefónica e telegráfica: *«Concordo com a vossa avaliação, mas não creio que se possa fazer algo sério para ultrapassar rapidamente todas estas deficiências. Estive ontem com o camarada Stáline. Recebeu uma mensagem telegrafada de Pavlov e ordenou que lhe fosse transmitido que, apesar da justeza das suas exigências, não temos de momento nenhuma possibilidade de as satisfazer.»*³⁰

Não foram, portanto, nem a incapacidade nem a miopia de Stáline que impediram as deficiências de serem eliminadas em tempo útil, mas sim simplesmente a falta de meios para poder satisfazer as legítimas exigências das Forças Armadas. Para conseguir essas melhorias, eram necessários amplos trabalhos no terreno.

Júkov também indicou que este facto conduzia a falhas na formação dos comandantes. *«Os comandantes evitavam a radiocomunicação e preferiam a comunicação telefónica (com fios) (...) A comunicação nas unidades de combate aéreo, na rede de aereo-*

²⁸ Merezkov, *ibidem*, p. 192 e segs.

²⁹ Júkov, *ibidem*, p. 248.

³⁰ Citado de acordo com Júkov, *ibidem*, p. 249.

portos, nas unidades blindadas, onde as comunicações com fios são impossíveis, causava dificuldades.»³¹ Não é necessário sublinhar a importância do papel das comunicações na guerra moderna.

O Partido e o Governo dedicaram especial atenção à constituição da Força Aérea.³² De acordo com a documentação em arquivo, o Exército Vermelho recebeu, entre 1 de Janeiro de 1939 e 22 de Junho de 1941, 17 745 aviões de combate, dos quais 3719 aviões de novo tipo.³³

Júkov afirma explicitamente: «O CC do PCU(b) e Stáline pessoalmente dedicavam muito tempo e atenção aos construtores de aviões. Penso poder afirmar que Stáline até tinha uma certa predilecção pela força aérea.»³⁴

Mas também nesta área a indústria «não estava à altura das exigências dessa época». Cerca de 75 a 80 por cento do total dos aviões eram tecnicamente inferiores ao mesmo tipo de máquinas da Alemanha fascista. No máximo, apenas 21 por cento das unidades da força aérea puderam ser equipadas com aviões modernos. O general Chtemenko escreveu sobre a força aérea soviética:

«Em 1938, a URSS tinha construído 5469 aviões, em 1939 – 10 383, em 1940 – 10 565. Nesses anos, a Alemanha tinha produzido, respectivamente, 5235, 8295 e 10 826 aviões de todos os tipos.

A partir de 1939, na URSS, foram tomadas medidas extraordinárias, pode dizer-se, para reforçar a base de produção da indústria aeronáutica, de ampliação dos gabinetes de projecto, desenvolvimento de novos aviões de combate de todos os tipos e organização da sua produção em série. A situação da aviação nas vésperas da guerra lembrava, em certa medida, a situação dos tanques: a indústria produzia uma grande quantidade de aviões, mas pelas suas características tácticas e técnicas estavam em parte ultrapassados e em parte não eram do tipo que a guerra exigia. Tinha-se dado demasiada preferência aos bombardeiros lentos, com um raio de acção insuficiente, e que, na prática, estavam indefesos contra os caças.

Dispondo do essencial – uma boa indústria aeronáutica para a época – o Estado soviético foi obrigado num curto prazo a renovar o seu parque de aviões. A nossa infelicidade, mais uma vez, esteve em não ter havido tempo para o fazer, apesar do ritmo imprimido ser excepcionalmente elevado. Em 1940 apenas tinham sido produzidos 64 caças Iak-1 e 20 caças Mig-3; só dispúnhamos de dois bombardeiros de voo picado Pe-2. No primeiro semestre de 1941 a produção de novos modelos de caças Iak-1, Mig-3 e Lagg-3 atingiu 1946 unidades, foram produzidos 458 bombardeiros Pe-2, 249 aviões de assalto Il-2, num total de mais de 2650 aviões.

Em Julho de 1940, o Comité Central do Partido e o Conselho de Comissários do Povo da URSS aprovaram a importante resolução «Sobre a Reorganização das Forças Aéreas do Exército Vermelho». O texto definia o plano de rearmamento das unidades de aviação, a criação de novos regimentos de aviação, de zonas de defesa antiaérea, o programa de instrução de pilotagem dos novos aviões. Este documento acelerou inquestionavelmente a preparação da Força Aérea para a guerra.

Muito antes da guerra tinham sido criadas unidades de paraquedistas que nenhum outro exército do mundo dispunha ainda. Os nossos progressos neste domínio foram

³¹ Ibidem, p. 248 e seg.

³² Cf. capítulo I, U. Huar, *Cadernos*, ibidem, pp. 43-45 ou *Offensiv*, ibidem, pp. 77-79.

³³ Júkov, ibidem, p. 249 e seg.

³⁴ Idem, ibidem, p. 250.

demonstrados nas manobras de Kiev, em 1935, depois na Bielorrússia, para grande admiração dos observadores estrangeiros. Em 1940 o número de tropas paraquedistas aumentou para o dobro.»³⁵

As opiniões de Júkov sobre a preparação da marinha soviética são muito breves. Como escreveu, depois da sua nomeação para chefe do Quartel-General, não teve possibilidade de se «*familiarizar pormenorizadamente com a Marinha*». Apontou as relações frias entre si e o Almirante N.G. Kuznetsov, no entanto não aprofunda o assunto. No que diz respeito a Stáline, diz somente que ele «*para discutir questões relacionadas com a frota naval não consultava nem o Comissariado do Povo para a Defesa, nem o chefe do QG.*»³⁶

Segundo Chtemenko, a marinha de guerra tinha feito assinaláveis progressos:

«Ao longo de dois quinquénios foram construídos 500 navios de diversas classes nos estaleiros navais do país. O aumento da frota foi particularmente rápido na véspera da guerra. No momento em que a Alemanha hitleriana nos atacou dispúnhamos de três couraçados, sete cruzadores, 54 condutores de frota e contratorpedeiros, 212 submarinos, 287 vedetas lança-torpedos e mais de 2500 aviões.

A Frota do Norte, que existia desde 25 de Junho de 1933, foi reorganizada em Frota do Báltico em 11 de Maio de 1937. Em resultado da intensificação da construção naval, no início da Grande Guerra Patriótica, a mais jovem das nossas frotas possuía um imponente efectivo militar e continuou a aumentar as suas forças.

Cresceram e foram aperfeiçoadas as nossas frotas mais antigas, em particular a Frota do Báltico, que recebeu novas bases em Talin, Hanko e noutros locais, cada uma das quais veio a ter um papel importante no decurso da luta armada neste teatro marítimo.»³⁷

Como relata o almirante Kuznetsov, em Dezembro de 1938 realizou-se um encontro do Conselho Superior Militar da Marinha de Guerra. Tratou-se da questão da «*criação de uma grande frota para o mar alto*», de problemas da defesa da costa, da elaboração de instruções de combate da marinha de guerra e instruções para a chefia das operações navais. Com a agudização da situação internacional e a ameaça de guerra a organização de planos a longo prazo para o alargamento da marinha de guerra pareciam arriscados. Para a constituição de uma grande frota, principalmente de grandes navios de combate necessita-se de tempo e muito investimento que a economia soviética não podia suportar. O armamento das forças terrestres e aéreas tinha prioridade. Stáline, Mólotov, Jdánov e Vorochílov participaram na reunião final do encontro de Dezembro.

«Stáline ouviu atentamente, colocou muitas questões e fez alguns apartes no decorrer da reunião.

Percebia-se que queria conhecer a opinião dos chefes da frota sobre as diferentes classes de navios. Pela primeira vez, ainda que indirectamente, surgiram perguntas

³⁵ Chtemenko, *Im Generalstab* (No Quartel-General), Vol I, Moscovo 1968, Berlim 1985, 6ª ed., p. 24 e seg. Em 1940 Chtemenko era colaborador na administração operativa do Quartel-General, tornando-se chefe a partir de 1943. Durante a guerra encontrava-se quase diariamente com Stáline. [Nesta passagem utilizou-se a tradução do russo de um extracto do livro *O Estado-Maior General nos Anos da Guerra, de Serguei Chtemenko*, publicado em http://www.hist-socialismo.com/docs/Chtemenko_URSS_II_Guerra.pdf, que apresenta naturais diferenças de pormenor em relação à tradução feita a partir do alemão. (N. Ed.)]

³⁶ Júkov, *ibidem*, p.249 e seg.

³⁷ Chtemenko, *ibidem*, vol. I, p. 25 e seg. [Ver nota 35 (N.Ed.)].

sobre a doutrina da marinha no contexto da construção de uma grande frota e questões sobre as alterações a efectuar nas nossas directivas e instruções de serviço.

Se bem me recordo, Stáline criticou a formulação das “formas complicadas de combate” que faziam parte da instrução de combate na formação de 1939. A sua reflexão incidia no aspecto de que só seria possível realizar operações complexas quando tivéssemos couraçados, cruzadores e outros navios de grande porte; contudo por enquanto ainda éramos fracos no mar, as tarefas da nossa frota eram ainda muito limitadas. “Temos de esperar ainda oito ou dez anos até sermos poderosos no mar”, disse ele. Concretamente foram tratados problemas da formação de quadros para os futuros navios. Nisso foi a florada a questão dos que estavam há mais tempo ao serviço e exprimida a ideia de recrutar para a frota sobretudo homens novos oriundos da costa ou ligados ao mar. Deviam ser escolhidos ainda antes de serem recrutados para o serviço militar.

No Conselho Militar Supremo da Marinha de Guerra, Stáline afirmou que a criação de uma frota maior consistia em 9/10 na formação dos seus quadros. Aconselhou a dar mais atenção à formação dos futuros comandantes e eventualmente comprar no estrangeiro alguns navios-escola com este objectivo.

Também foram discutidas questões relacionadas com bases navais, uma frota de apoio e estaleiros de reparação de navios. Estas palavras não foram lançadas ao vento. Rapidamente em todas as frotas se registou uma actividade entusiástica. Nessa altura surgiu também o plano de transferir o porto comercial de Vladivostok para Nakhodka. E em Março/Abril de 1939, Jdánov e eu fomos enviados com este objectivo para o Extremo Oriente, para inspecionar tudo in loco.

Não me esqueci do aviso de Stáline para não esperarmos até o adversário atacar, mas sim esclarecer desde logo quais as suas possibilidades e os seus pontos fracos e aumentar a vigilância e estar pronto para a luta.»³⁸

Kuznetsov lamentou não ter pequenos porta-aviões «sem os quais os contratorpedeiros e cruzadores não podem combater com êxito».³⁹

A aviação naval pouco se distinguia da aviação do exército. Muitos dos bombardeiros do exército foram utilizados como torpedeiros e para colocar minas. Com seus 2581 aviões, a aviação naval era muito fraca para uma costa tão extensa (40 mil Km, UH). Era constituída, na sua maioria, por aviões ultrapassados. Tinham poucos bombardeiros e caças rápidos. Bombardeiros de voo picado e caças-bombardeiros, «os mais aptos» para alvos no mar, não existiam. Estavam mais bem equipados de artilharia, mas faltava defesa antiaérea. Os sistemas de vigilância para os navios e as bases navais não estavam suficientemente desenvolvidos. Embora os torpedos fossem de grande qualidade, os lança-minas e os caça-minas estavam aquém das exigências.⁴⁰

No início de 1940, iniciou-se a construção de novas «zonas fortificadas» na fronteira ocidental. Surgiram diferenças de opinião sobre a artilharia nas antigas instalações entre o marechal Kulikov, o marechal Chapochnikov e Jdánov, membros do Conselho Militar principal, por um lado, e o marechal Timochenko e Júkov por outro. Os primeiros queriam desmontar a artilharia e montá-la nas novas instalações. A questão foi apresentada

³⁸ Kusnezov, *Am Vorabend (Na Véspera)*, p. 213.

³⁹ Idem, *ibidem*, p. 314.

⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 315 e seg.

a Stáline, que se juntou à opinião de Kulikov, Chapochnikov e Jdánov, e ordenou a desmontagem de uma parte da artilharia em algumas zonas importantes e a sua transferência para Oeste e Sudoeste.

As antigas zonas fortificadas tinham sido construídas entre 1925 e 1935 e equipadas principalmente com metralhadoras. Em 1938 e 1939 vários dos pontos de fogo foram reforçados com munições.

Novamente consultado, Stáline concordou em deixar uma parte do armamento nas zonas em que devia ser desmontado.⁴¹

Segundo Júkov, as zonas fortificadas na antiga fronteira (antes da libertação das zonas na Bielorrússia e Ucrânia que haviam sido ocupadas pela Polónia em 1920, UH) não foram desmanteladas nem total nem parcialmente, como é afirmado erradamente em alguns artigos. Iriam até ter ser reforçadas, o que já não pôde ser feito depois do ataque de 22 de Junho. Os trabalhos de construção das novas zonas fortificadas foram acelerados, de acordo com repetidas ordens de Timochenko e do Quartel-General. Diariamente 140 mil homens executavam estes trabalhos. «Stáline também apela à aceleração dos trabalhos».⁴²

O abastecimento da artilharia com munições constituiu um problema sério. «Faltavam granadas para os obuses, canhões antitanque e armas antiaéreas. A situação era ainda pior no que respeita às munições para os novos sistemas de artilharia». Segundo N.A. Voznessénski⁴³ e outros, em 1941, os objectivos do Comissariado do Povo para as Munições e Defesa, relativos ao abastecimento de munições, só foram cumpridos no máximo a 20 por cento. Depois de várias exposições a Stáline foi tomada a decisão de produzir «uma quantidade de munições significativa maior na segunda metade de 1941 e início de 1942».⁴⁴ Não havia informação numérica. Não existem informações sobre até que ponto esta decisão pôde ser concretizada.

Perante a iminência da guerra, Timochenko, o Quartel-General e também Júkov ordenaram o armazenamento dos meios técnico-materiais perto das tropas, o que mais tarde se veio a revelar um erro. «Quando a guerra eclodiu, rapidamente caíram nas mãos do adversário, dificultando o abastecimento das tropas e a formação de reservas.»

Júkov comparou as poucas possibilidades materiais da indústria soviética com o potencial da *Wehrmacht* fascista. No momento do ataque à URSS, a Alemanha dispunha de quase todos os recursos económicos e militares estratégicos da Europa. A *Wehrmacht* podia ser fornecida com as mais modernas técnicas de combate e com quantidades suficientes de material. Nesse momento não havia nenhuma ameaça a Oeste.

Produção antes de 22 de Junho de 1941 em milhões de toneladas

	AÇO	CARVÃO
Alemanha incluindo países ocupados	31,8	439 (257,4 produção própria)
URSS	18,3	165,9

⁴¹ Júkov, *ibidem*, p. 263.

⁴² *Idem*, *ibidem*, p. 264.

⁴³ Voznessénski era um dos economistas mais importantes da URSS e tinha a confiança de Stáline, que o considerou um dos seus possíveis sucessores no pós-guerra. Depois da guerra, Voznessénski foi vítima, provavelmente, de uma intriga de agentes trotskistas nos serviços de segurança e foi fuzilado contra a ordem de Stáline. Este assunto ainda precisa de ser esclarecido.

⁴⁴ Júkov, *ibidem*, p. 265.

Só o petróleo era escasso na economia de guerra alemã, o que pôde ser em parte compensado com a importação de petróleo romeno, reservas e a produção de combustível sintético. Em 1941, a indústria de armamento alemã produziu mais de 11 mil aviões, 5200 blindados, 30 mil munições de diferentes calibres, cerca de 1,7 milhões de carabinas, espingardas, metralhadoras. Para além disso contavam ainda com as armas roubadas aos países subjugados e com a produção de armamento dos países satélites.⁴⁵

Até Junho de 1941, a *Wehrmacht* possuía oito milhões e 500 mil homens; cerca de 208 divisões estavam operacionais. Segundo o serviço de informações soviético, até 1 de Junho de 1941, encontravam-se 120 divisões alemãs na fronteira Oeste da URSS. Kurt von Tippelskirch, general de infantaria da *Wehrmacht* deu informações exactas sobre o poderio das tropas alemãs operacionais:

«Até 22 de Junho, dia do início do ataque, estavam 81 divisões de infantaria, uma divisão de cavalaria, 17 divisões blindadas, 15 divisões motorizadas, nove divisões de polícia e segurança estacionadas nas áreas de implantação. A reserva a ser ainda transportada era constituída por 22 divisões de infantaria, duas divisões blindadas, duas divisões motorizadas e uma divisão de polícia. O exército dispunha, no conjunto, não contando com as divisões de polícia e segurança, mais de 140 unidades completamente prontas a combater.

*A aviação disponibilizou cerca de 1800 aviões de combate divididos em três frotas aéreas, que deviam cooperar com as unidades do exército. Correspondendo às unidades, a frota aérea 2 (marechal de campo Kesselring), que cooperava com a unidade Mitte, era a mais forte; abrangia metade das forças disponíveis. A frota aérea 4, a operar no Sul, (coronel-general Löhr) era um pouco mais forte do que a frota aérea 1 (coronel-general Keller) prevista para o Norte».*⁴⁶

Nesta altura, a força total do Exército Vermelho ascendia a cerca de cinco milhões de homens.⁴⁷

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 266 e seg.

⁴⁶ Kurt von Tippelskirch, *Geschichte des Zweiten Weltkrieges (História da II Guerra Mundial)*, 3ª edição, Bona, 1959, p. 175.

⁴⁷ Júkov, *ibidem*, p. 268. Os números de Júkov não coincidem com as informações de «*Die Deutsche Industrie im Kriege 1939-45*» (*A indústria alemã na guerra 39-45*), Duncker e Humboldt, Berlim, 1954, que o historiador militar soviético G. Deborin cita na sua monografia *The Second World War*, Moscovo. Produção alemã de armamento em 1940: 9500 aviões; 1800 blindados; quatro mil canhões; 57 mil MG; um milhão e 400 mil espingardas. Há que acrescentar a produção de armamento das fábricas na França, Checoslováquia, Áustria, Bélgica, Holanda, Hungria, Roménia e outros países controlados pelos fascistas alemães.